

Papa Francisco

A Santa Missa

CATEQUESES

DO PAPA FRANCISCO

SOBRE A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA



EDITORIAL A.O.

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

440620/18

ISBN

978-972-39-0958-6

1.ª edição

Maio de 2018

2.ª edição

Abril de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

1. Introdução

Iniciamos hoje uma nova série de catequeses, que fixará o olhar no «coração» da Igreja, ou seja, na *Eucaristia*. Para nós, cristãos, é fundamental compreender bem o valor e o significado da *Santa Missa*, a fim de viver cada vez mais plenamente a nossa relação com Deus.

Não podemos esquecer o grande número de cristãos que, no mundo inteiro, em dois mil anos de história, resistiram até à morte para defender a Eucaristia; e quantos, ainda hoje, arriscam a vida para participar na Missa dominical. No ano de 304, durante as perseguições de Diocleciano, um grupo de cristãos, do norte de África, foi surpreendido a celebrar a Missa numa casa e foi aprisionado. O procônsul romano, no interrogatório, perguntou-lhes por que o fizeram, sabendo que era absolutamente proibido. E eles responderam: «Sem o domingo não podemos viver», que significava: se não podemos

celebrar a Eucaristia, não podemos viver, a nossa vida cristã morreria.

Com efeito, Jesus disse aos seus discípulos: «se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia» (*Jo 6, 53-54*).

Aqueles cristãos do norte de África foram assassinados porque celebravam a Eucaristia. Deixaram o testemunho de que se pode renunciar à vida terrena pela Eucaristia, porque ela nos dá a vida eterna, tornando-nos partícipes da vitória de Cristo sobre a morte. Um testemunho que nos interpela a todos e exige uma resposta acerca do que significa para cada um de nós participar no Sacrifício da Missa e aproximarmo-nos da Mesa do Senhor. Estamos à procura daquela nascente da qual «jorra água viva» para a vida eterna, que torna a nossa vida um sacrifício espiritual de louvor e de agradecimento e faz de nós um só corpo com Cristo? É este o sentido mais profundo da sagrada Eucaristia, que significa «agradecimento»: agradecimento a Deus Pai, Filho e Espírito Santo que nos abrange e nos transforma na sua comunhão de amor.

Nas próximas catequeses gostaria de responder a algumas perguntas importantes sobre a Eucaristia e a Missa,

a fim de redescobrir, ou descobrir, como o amor de Deus resplandece através deste mistério da fé.

O Concílio Vaticano II foi fortemente animado pelo desejo de levar os cristãos a compreender a grandeza da fé e a beleza do encontro com Cristo. Por este motivo era necessário, antes de mais, realizar, com a ajuda do Espírito Santo, uma adequada renovação da Liturgia, porque a Igreja vive continuamente dela e renova-se graças a ela.

Um tema central que os Padres conciliares frisaram foi a formação litúrgica dos fiéis, indispensável para uma verdadeira renovação. E é precisamente esta também a finalidade deste ciclo de catequeses que hoje iniciamos: crescer no conhecimento do grande dom que Deus nos concedeu na Eucaristia.

A Eucaristia é um acontecimento maravilhoso no qual Jesus Cristo, nossa vida, Se faz presente. Participar na Missa «é viver outra vez a paixão e a morte redentora do Senhor. É uma teofania: o Senhor torna-Se presente no altar para ser oferecido ao Pai pela salvação do mundo» (*Homilia*, Santa Marta, 10 de fevereiro de 2014). O Senhor está ali connosco, presente. Muitas vezes, nós vamos ali, olhamos para as coisas, falamos entre nós enquanto o sacerdote celebra a Eucaristia... e não celebremos ao lado d'Ele. Mas é o Senhor! Se hoje viesse

aqui o Presidente da República ou qualquer pessoa muito importante do mundo, certamente todos estaríamos perto dela e gostaríamos de a saudar. Mas repara: quando tu vais à missa, o Senhor está lá! E tu distrais-te. É o Senhor! Devemos pensar nisto. «Padre, mas as missas são aborrecidas» – «Que dizes, o Senhor é aborrecido?» – «Não, a Missa não, os sacerdotes.» – «Ah, que os sacerdotes se convertam, mas é o Senhor quem está ali!». Está claro? Não o esqueçais. «Participar na Missa é como viver outra vez a paixão e a morte redentora do Senhor».

Procuremos agora fazer-nos algumas perguntas simples. Por exemplo, por que fazemos o sinal da cruz e o ato penitencial no início da Missa? E aqui gostaria de fazer outro parêntese. Vistes como fazem as crianças o sinal da cruz? Não se sabe o que fazem, se é o sinal da cruz ou um desenho. Fazem assim [o Papa fez um gesto desajeitado]. É preciso ensinar bem às crianças a fazer o sinal da cruz. Assim começa a Missa, assim começa a vida, assim começa o dia. Isto significa que somos remidos com a cruz do Senhor. Olhai para as crianças e ensinai-lhes a fazer bem o sinal da cruz. E aquelas Leituras, na Missa, por que se fazem? Por que se leem ao domingo três Leituras e nos outros dias duas? Por que são lidas, o que significam as Leituras na Missa? Por que se leem e qual é a sua finalidade? Ou,

então, por que, a um certo ponto, o sacerdote que preside à celebração diz: «Corações ao alto»? Não diz: «Telefones ao alto para fazer fotografias»? Não, não é agradável! E digo-vos que me causa muita tristeza quando celebro aqui na Praça ou na Basílica e vejo tantos telefones elevados, não só dos fiéis, mas até de alguns sacerdotes e bispos. Por favor! A Missa não é um espetáculo: significa ir encontrar a paixão e a ressurreição do Senhor. Por isso, o sacerdote diz: «Corações ao alto». Que significa isto? Recordai-vos: não levanteis os telefones.

É muito importante voltar aos fundamentos, redescobrir aquilo que é essencial, através do que se toca e se vê na celebração dos Sacramentos. O pedido do apóstolo S. Tomé (cf. *Jo* 20, 25) para poder ver e tocar as chagas dos pregos no corpo de Jesus é o desejo de poder, de alguma forma, «tocar» Deus para acreditar n'Ele. O que S. Tomé pede ao Senhor é aquilo de que todos nós precisamos: vê-Lo e tocar n'Ele para O poder reconhecer. Os Sacramentos vêm ao encontro desta exigência humana. Os Sacramentos, e a celebração eucarística de maneira especial, são os sinais do amor de Deus, os caminhos privilegiados para nos encontrarmos com Ele.

Assim, através destas catequeses que hoje começam, gostaria de redescobrir juntamente convosco a beleza que

A Santa Missa

se esconde na celebração eucarística e que, quando é revelada, dá pleno sentido à vida de cada um. Nossa Senhora nos acompanhe neste novo percurso. Obrigado.

(8 de novembro de 2017)

2. A Missa é oração

Para compreender a beleza da celebração eucarística, desejo iniciar com um aspeto muito simples: a Missa é oração, aliás, é a oração por excelência, a mais elevada, a mais sublime e, ao mesmo tempo, a mais «concreta». Com efeito, é o encontro de amor com Deus mediante a sua Palavra e o Corpo e Sangue de Jesus. É um encontro com o Senhor.

Mas, primeiro, temos de responder a uma pergunta. O que é realmente a oração? Antes de tudo, ela é diálogo, relação pessoal com Deus. E o homem foi criado como ser em relação pessoal com Deus que tem a sua plena realização unicamente no encontro com o seu Criador. O caminho da vida é rumo ao encontro definitivo com o Senhor.

O Livro do Génesis afirma que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, o qual é Pai e Filho e Espírito Santo, uma relação perfeita de amor que é unidade.

Disto podemos compreender que todos nós fomos criados para entrar numa relação perfeita de amor, num contínuo doar-nos e receber-nos para assim podermos encontrar a plenitude do nosso ser.

Quando Moisés, diante da sarça ardente, recebeu o chamamento de Deus, perguntou-Lhe qual era o seu nome. E o que respondeu Deus? «Eu sou Aquele que sou» (*Ex* 3, 14). Esta expressão, no seu sentido originário, manifesta *presença e favor*, e, com efeito, imediatamente a seguir Deus acrescenta: «O Senhor, o Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob» (v. 15). Assim também Cristo, quando chama os seus discípulos, chama-os para que estejam *com Ele*. Eis, por conseguinte, a maior graça: poder experimentar que a Missa, a Eucaristia é o momento privilegiado para estar com Jesus e, através d'Ele, com Deus e com os irmãos.

Rezar, como qualquer diálogo verdadeiro, significa saber também ficar em silêncio – nos diálogos há momentos de silêncio – em silêncio juntamente com Jesus. E quando vamos à Missa, talvez cheguemos cinco minutos antes e comecemos a falar com quem está ao nosso lado. Mas não é o momento para falar: é o momento do silêncio, a fim de nos prepararmos para o diálogo. É o momento de se recolher no coração, a fim de se preparar para

o encontro com Jesus. O silêncio é tão importante! Recordai-vos do que disse na semana passada: não vamos a um espetáculo, vamos ao encontro com o Senhor, e o silêncio prepara-nos e acompanha-nos. Permanecer em silêncio juntamente com Jesus. E do misterioso silêncio de Deus brota a sua Palavra, que ressoa no nosso coração. O próprio Jesus nos ensina como é possível «estar» realmente com o Pai e no-lo demonstra com a sua oração. Os Evangelhos mostram-nos Jesus que Se retira em lugares afastados para rezar; os discípulos, ao ver esta sua relação íntima com o Pai, sentem o desejo de poder participar nela e pedem-Lhe: «Senhor, ensina-nos a rezar» (Lc 11, 1). Assim ouvimos há pouco, na primeira Leitura, no início da audiência. Jesus responde que a primeira coisa necessária para rezar é saber dizer «Pai». Estejamos atentos: se eu não for capaz de dizer «Pai» a Deus, não sou capaz de rezar. Temos que aprender a dizer «Pai», ou seja, a pormo-nos na sua presença com confiança filial. Mas, a fim de poder aprender, é preciso reconhecer humildemente que precisamos de ser instruídos e dizer com simplicidade: Senhor, ensina-me a rezar.

Este é o primeiro ponto: ser humildes, reconhecer-se filhos, repousar no Pai, confiar n'Ele. Para entrar no reino dos Céus, é necessário fazer-se pequeninos como as

crianças. No sentido de que as crianças sabem confiar, sabem que alguém se preocupará com elas, com o que hão de comer, com o que vestirão e assim por diante (cf. *Mt* 6, 25-32). Esta é a primeira atitude: *confiança* e *segurança*, como a criança com os pais; saber que Deus se recorda de ti, cuida de ti, de ti, de mim, de todos.

A segunda predisposição, também ela própria das crianças, é *deixar-se surpreender*. A criança faz sempre muitas perguntas porque deseja descobrir o mundo; e admira-se até com coisas pequenas, porque para ela tudo é novo. Para entrar no reino dos Céus é preciso deixar-se surpreender. Na nossa relação com o Senhor, na oração – eu pergunto – deixamo-nos surpreender ou pensamos que a oração é falar a Deus como fazem os papagaios? Não, é confiar e abrir o coração para se deixar surpreender. Deixamo-nos maravilhar por Deus que é sempre o Deus das surpresas? Porque o encontro com o Senhor é sempre um encontro vivo, não é um encontro de museu. É um encontro vivo e nós vamos à Missa e não a um museu. Vamos a um encontro vivo com o Senhor.

No Evangelho, fala-se de um certo Nicodemos (cf. *Jó* 3, 1-21), um idoso, uma autoridade em Israel, que vai procurar Jesus para O conhecer; e o Senhor fala-lhe da necessidade de «renascer do alto» (cf. v. 3). Mas que significa

isto? Pode-se «renascer»? Voltar a ter o gosto, a alegria, a maravilha da vida, é possível, mesmo face a tantas tragédias? Esta é uma pergunta fundamental da nossa fé e este é o desejo de qualquer crente verdadeiro: o desejo de renascer, a alegria de recomeçar. Nós temos este desejo? Cada um de nós tem vontade de renascer sempre para se encontrar com o Senhor? Tendes este desejo? Com efeito, pode-se perdê-lo facilmente porque, por causa de tantas atividades, de tantos projetos a concretizar, no final temos pouco tempo e perdemos de vista o que é fundamental: a nossa vida do coração, a nossa vida espiritual, a nossa vida que é encontro com o Senhor na oração.

Na verdade, o Senhor surpreende-nos ao mostrar-nos que nos ama até com as nossas debilidades: «Jesus Cristo [...] é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo» (1 Jo 2, 2). Este dom, fonte de verdadeira consolação – mas o Senhor perdoa-nos sempre – conforta, é uma verdadeira consolação, é um dom que nos é concedido através da Eucaristia, aquele banquete nupcial no qual o Esposo encontra a nossa fragilidade. Posso dizer que, quando recebo a comunhão na Missa, o Senhor encontra a minha fragilidade? Sim! Podemos dizê-lo porque isto é verdade! O Senhor encontra a nossa fragilidade para nos recon-

A Santa Missa

duzir ao nosso primeiro chamamento: ser à imagem e semelhança de Deus. É este o ambiente da Eucaristia, é esta a oração.

(15 de novembro de 2017)

ÍNDICE

1.	<i>Introdução</i>	5
2.	A Missa é oração	11
3.	A Missa é o memorial do Mistério pascal de Cristo	17
4.	Ir à Missa aos domingos, porquê?	23
5.	Ritos iniciais	27
6.	O ato penitencial	33
7.	O canto do «Glória» e a «oração coleta»	39
8.	<i>Liturgia da Palavra:</i> I. Diálogo entre Deus e o seu povo	43
9.	<i>Liturgia da Palavra:</i> II. Evangelho e homilia	49
10.	<i>Liturgia da Palavra:</i> III. Credo e Oração universal	55
11.	<i>Liturgia Eucarística:</i> I. Apresentação dos dons	59
12.	<i>Liturgia Eucarística:</i> II. Oração eucarística	65

A Santa Missa

13.	<i>Liturgia Eucarística:</i>	
	III. O Pai-Nosso e a fração do Pão	71
14.	<i>Liturgia Eucarística:</i>	
	IV. A Comunhão	77
15.	Ritos de conclusão	83
	<i>Índice</i>	89